

## Comentário ao texto “O Valor libertador do Conhecimento e das Práticas”

De acordo com a perspectiva de José Mariano Gago, Ex-Ministro da Ciência e Tecnologia, Portugal vive sob um conservadorismo pessimista, encimado também a nível da Educação. Segundo ele, o trabalho educativo deveria estar remetido ao uso preferencial das práticas e manuseamento de matérias. Aponta a escola como “tema” de futuro, é a partir desta que se constrói a sociedade. É esta também que projecta o indivíduo advindo com a sua “conflitualidade” e procura de conhecimento.

Mariano Gago aponta também, e a par da utilização da prática, a relação da escola com a informação, quando diz «Saber produzir, buscar, tratar, difundir informação, são competências crescentemente necessárias na sociedade...» Para finalizar, o autor interpõe que a educação científica de base é uma exortação de responsabilidade colectiva e da própria comunidade científica.

Na minha opinião, penso que o **conservadorismo** eminente que trata o autor, não diz respeito só à Educação, a realidade é que o nosso País vive segundo práticas extremamente conservadoras, e o ideal inovador que é necessário para uma boa educação, ainda está longe de ser alcançado.

Sabemos que a Educação não preenche os requisitos necessários de investimento político, por isso, a par do financiamento reduzido, a aposta no seu melhoramento é pouco viável. Entendo que esta perspectiva seja normal (não refiro que seja despreocupante), entendo que a sociedade olhe para a educação de modo pessimista; esta é a realidade! Não se trata de afirmar que a Educação “está sempre pior do que o que estava”, o mal é que o País cresce e moderniza-se, e a Educação em Portugal não acompanha este desenvolvimento.

É a falta de investimento de projectos que atira a escola para aquilo que o autor chama o «**back to basic** – ler, escrever e contar». A realidade retrata que este modelo é real e deveras preocupante, a Educação não pretende, ou não deveria pretender, formar “máquinas de fábrica”, mas sim construtores.

Penso que o objectivo da Educação deveria ser, e como dita o autor, promover o «...valor libertador do conhecimento», o entusiasmo por aprender. Um dos princípios necessários (e de poucas regalias) seria, como explica, a utilização das **práticas**, o incentivo à participação activa, unindo a matéria à sua utilidade. O realce do manuseamento da matéria ou dos conteúdos da disciplina aproxima o conhecimento à descoberta, ao incentivo e à produção.

O autor culpabiliza a sociedade por esta dependência de formalidade no ensino. A meu ver, o problema recai, não sobre esta directamente, mas sobre o órgão maior que a representa – o **Governo**. Repito que a falta de investimento, a falta de motivação, e sobretudo, a falta de profissionalização, a falta de pedagogia e de didáctica, remota a Educação ao caos em que se encontra.

Hoje, observamos profissionais sem habilidade para desempenharem o seu cargo, e se é verdade que a Escola «...tem a ver com o futuro», isto porque é esta que “forma” o indivíduo, que promove o seu desenvolvimento e faculta as ferramentas necessárias para a auto-construção deste como indivíduo pertencente a uma sociedade, verdade é que esta construção assenta sobre alicerces frágeis.

Citando o autor: «A instituição escolar...pode formar para a liberdade e para o direito, mostrar que vale a pena proceder racionalmente e de uma forma democrática.». Este deve ser o

grande fim a alcançar. Não deve ser o propósito que travamos hoje, em que o saber regurgitado e aparente é o que tem mais valor.

É necessário uma viragem, é necessário uma preocupação que vá para além das palavras ditas e que actue.

Uma escolha plausível seria o incremento das práticas (e não a sua recusa, como estamos a verificar hoje em dia no ensino secundário, ou a sua total ausência no ensino básico); seria, para além da promoção de trabalhos de projecto, também o incentivo à experimentação, ao manuseamento da matéria, sobretudo em conteúdos ligados à aprendizagem da ciência.

A par do uso da **prática**, e assente nesta, o autor propõe uma relação mais próxima da Escola com a **informação**, «Saber produzir, buscar, tratar, difundir informação». É necessário facultar à Educação os meios que lhe permitam acompanhar o progresso, propor-lhe instrumentos, que podem ser tecnológicos de informação e comunicação, que abram alas ao mundo exterior. Verifica-se que o recurso à Internet vincula-a a um universo de informação que deve ser prescrita na prática do ensino.

O ponto final deste comentário recai para a **urgência de acção**, recai sobre o termo de responsabilidade da sociedade que deve impor uma Educação de prestígio. Este imperativo deve colmatar também com uma aposta da comunidade científica para o ensino, é este que desenvolve a base e promove o futuro da sociedade.